

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 1193

Data: 22.12.79 Pg.: 9

# Criada a reserva xavante

### Da sucursal e do enviado especial

O presidente João Figueiredo decretou ontem a criação da reserva indígena de Parabubure, acolhendo exposição de motivos do ministro Mário Andreazza, do Interior. A reserva terá 226 mil hectares e está localizada entre os rios Couto de Magalhães e Culuene, no município de Barra do Garça, em Mato Grosso, área considerada de propriedade imemorial dos índios xavantes.

Entretanto, os xavantes, que não estão sabendo da assinatura do decreto — vagamente prevista pelas autoridades para o mês de janeiro —, resolveram armar-se em sua atual reserva (a Couto Magalhães) e atacar, hoje de madrugada, a fazenda Xavantina, de propriedade do grupo paranaense "Amurada", cuja sede foi construída exatamente em cima das ruínas do cemitério da tribo.

No Rio, o ministro Mário Andreazza disse, ontem à noite, que o decreto presidencial levou em conta "as necessidades e aspirações dos índios da região". Afirmou, ainda, que toda a comunidade foi ouvida sobre

a decisão presidencial e que houve muito interesse do governo em sentir de perto a reação de cada líder: "Pelo que me foi dado a saber, não houve nenhuma desaprovação", disse Andreazza, e acrescentou: "Na verdade, a questão daquelas terras era um problema que se vinha arrastando há muito tempo, com as desavenças entre posseiros e indígenas. Não podíamos expulsar os posseiros, que ali se estabeleceram há anos. Também poderíamos ir contra o direito legítimo daqueles que, por séculos, ali estão. Dentro da lei, sempre dentro dela, fizemos a demarcação, onde cada um terá aquilo que por direito lhe pertence".

O decreto reúne, numa mesma reserva, o posto indígena de Culuene e a reserva indígena Couto de Magalhães, e foi delimitada considerando os cursos de água da área, para facilitar a demarcação. O governo federal, por meio dos Ministérios do Interior, da Fazenda, e da Agricultura, providenciará o reassentamento das famílias empregadas nas fazendas da área.

### GUERRA

Segundo nosso enviado especial, Antônio Carlos Moura,

os índios ficaram cansados de esperar pela assinatura do decreto, e por isso resolveram apelar para os mesmos métodos usados pelos brancos, e que, há um ano, mostraram sua eficácia a favor dos índios, na questão, muito semelhante, da reserva Pimentel Barbosa.

Naquela ocasião, a demarcação fraudulenta da Pimentel Barbosa permitiu a invasão, "legalizada", das terras dos xavantes, por um grande número de fazendeiros, posseiros e, inclusive, colonos gaúchos associados a uma cooperativa. Na véspera do Ano Novo, os índios atacaram três fazendas, sucessivamente, incendiando e saqueando suas sedes, e colocando em fuga os que ainda se encontravam na área, apesar dos avisos dos índios. Três meses depois, em março deste ano, o presidente Geisel assinou um de seus últimos decretos, ampliando a reserva Pimentel Barbosa e devolvendo aos xavantes uma grande extensão de terras, que lhes havia sido tomada em consequência de erros cartográficos cometidos, intencionalmente, por funcionários da própria Funai.

Agora, pintados com as tintas que foram buscar no cerra-

do de sua área, 50 índios da Couto Magalhães estão discutindo as táticas de ataque prometidas para esta madrugada. Além destes 50, contam com um reforço: "Ainda vão chegar outros guerreiros à noite", disse Zacarias, chefe da aldeia São José, uma das três que compõem a atual reserva. As 14 horas de ontem, já havia chegado um trator, puxando uma carreta, trazendo o chefe Joãozinho com dez de seus guerreiros, todos pintados e armados com seus arcos, flechas e bordunas.

O primitivismo bélico dos xavantes, no entanto, é apenas aparente. Em um cômodo da sede do posto indígena da Funai está guardado um número não conhecido de espingardas que deverão ser usadas no ataque. Zacarias explicou, ontem, que os índios não pretendem atirar em ninguém, a não ser em caso de reação dos empregados e moradores da fazenda: "Nós vamos até deixar que eles carreguem suas tralhas. O que a gente quer é que eles saiam da nossa terra", disse Zacarias. E Joãozinho confirmou: "Nós vamos com arco, flecha, borduna e com espingarda também. Mas só vamos atirar se eles não saírem ou atirarem primeiro".

Ontem, às 15 horas, chegou à reserva um teco-teco procedente de Barra do Garças, onde fica a sede da Ajudância da Funai, chefiada por Odenir Pinto de Oliveira. Ele é um hábil sertanista, que se criou em uma aldeia xavante, fala a língua indígena e goza de alto conceito entre os índios. No pequeno avião em que veio também chegaram mais dois funcionários da Funai e o cacique Mário Juruna, da aldeia de Namuncurá, na vizinha reserva de São Marcos. Vieram todos, mais uma vez, tentar demover os xavantes de sua decisão de atacar a fazenda. Também avisaram aos índios que um forte contingente de soldados da PM já se encontra na fazenda. "Os fazendeiros — conta o piloto do teco-teco — pediram reforços de soldados até em Cuiabá. As notícias que têm saído nos jornais, estes dias, alertaram o pessoal que se armou, e, agora, está esperando os índios."

Mas, por decreto presidencial ou pela força das armas, os xavantes só querem uma coisa: que a fazenda volte às suas mãos, para que possam reconstruir sua aldeia, que foi arrasada pelos tratores.